



PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO DE RAIZ



MUNICÍPIO DE RIO PARDO DE MINAS – MG

Rio Pardo de Minas

Outubro de 2021

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO DE RAIZ

Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, 2021

Rua Dr. Veloso, 151, Centro.

Montes Claros, MG. Brasil

Tel. (+55 38) 3217

Fax. (+55 38) 3217

caa@caa.org.br

TÍTULO DO PROJETO: Projeto Re-Existir: “Preservação dos Cerrados e Sustentabilidade dos Territórios dos Povos Tradicionais do Norte de Minas e Espinhaço Meridional” –

(Título em inglês: “Preserving the Cerrado of orth Minas Gerais State through Sustainable Management of Traditional Territories”)

Conservation Grants Number: CEPF-109583

Business World Vendor Master File: 123238

Acordo de Doação estabelecido entre Conservation International Foundation (CI), e Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM), com recursos disponibilizados pelo Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos ("CEPF"), e supervisionado pelo Instituto Internacional de Educação (IEB)

TÍTULO DO PRODUTO: PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO DE RAIZ

ORGANIZAÇÃO PROPONENTE: Articulação Rosalino Gomes de Povos Tradicionais

INSTITUIÇÃO EXECUTORA:

Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas

Diretoria: Braulino Caetano dos Santos, Joeliza Aparecida de Brito Almeida; Eliseu José de Oliveira;.

Coordenação Executiva: Aline Silva de Souza, André Alves, Josiane Antunes, Samuel Leite Caetano.

SISTEMATIZAÇÃO

Carlos Alberto Dayrell (coordenação)

Breno Trindade da Silva

Jonielson Ribeiro de Souza

João Batista de Almeida Costa

João Marques Chiles

Matheus Vinicius Ferreira

Mirian Nogueira Souza

Raquel Monteiro Marques

Instituto Prístino: Felipe Fonseca do Carmo; Flávio Fonseca do Carmo; Luciana Hiromi Yoshino Kamino; Rogério Tobias Junior

Rede Mata Seca: Mário Marcos do Espírito Santo

ELABORAÇÃO

Alisson Marciel Fonseca

Carlos Alberto Dayrell

Daniel Costa Dos Santos

Edina Da Silva Lapa

Gilda Fernanda Do Carmo Souza

Jacileia De Souza Santos

João Batista De Almeida Costa

João Marques Chiles

Jonielson Ribeiro de Souza

José Antônio Fernandes De Souza

Juarez Fagner Correia

Manoel Barbosa Vieira Neto

Manoel Ferreira De Souza

Marcio Antônio Antunes Vieira

Matheus Vinicius Ferreira

Mateus Dantas Vieira

Mirian Nogueira Souza

Raquel Monteiro Marques

Samuel Leite Caetano

Tiago Salles Teixeira

Varley dos Santos Ferreira

PARCEIROS

Associação Central das Comunidades Veredeiras - ACEVER

Conselho Indigenista Missionário - CIMI

Cooperativa Agroextrativista Grande Sertão

Comissão Pastoral da Terra

Instituto Pristino

Movimento dos Sem Terra

NIISA – Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental / Unimontes

Rede Mata Seca

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Riacho dos Machados

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Porteirinha

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rio Pardo de Minas

LISTA DE FIGURAS

1	Figura 1 - Moradores e membros do CAA conversam sobre detalhes em mapas do território de Raiz.	10
2	Figura 2 - Localização do Território Geraizeiro de Raiz	11
3	Figura 3 - Gráfico de Precipitação Acumulada de acordo com a estação de Salinas, a mais próxima do Território. Fonte: INMET, 2010	12
4	Figura 4 - Geologia do Território Geraizeiro de Raiz.	13
5	Figura 5 - Declividade do Território Geraizeiro de Raiz	14
6	Figura 6 - Hipsometria do Território Geraizeiro de Raiz	15
7	Figura 7 - Classes de solos predominantes no Território Geraizeiro de Raiz.	16
8	Figura 8 - Contexto hidrográfico do Território Geraizeiro de Raiz	17
9	Figura 9 - Uso e Cobertura da Terra do Território Geraizeiro de Raiz	21
10	Figura 10 - Mapa de Reserva Legal e APP	23
11	Figura 11 - Igreja de São Sebastião, no Território Geraizeiro de Raiz.	26
12	Figura 12 - Principais áreas degradadas no Território geraizeiro de Raíz.	35
13	Figura 13 – Equipe do CAA/NM e moradores de Raíz realizando levantamento de campo com plotagem de pontos de territorialidade e localidades.	36
14	Figura 14 - Mapa de localidades e territorialidades do Território Geraizeiro de Raíz.	37
15	Figura 15 - Galpão em fase de finalização na área reconquistada. Fonte: Pesquisa de Campo, 2021	39
16	Figura 16 - Visita da equipe do CAA/NM à produção de milho na área reconquistada. Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.	39
17	Figura 17 - Produção de algodão consorciado com milho na área reconquistada. Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.	40
18	Figura 18 - Mapa de infraestrutura existente e planejada. Fonte: Pesquisa de campo, 2021.	41

LISTA DE TABELAS

1	Tabela 1 - Relevo do Território Geraizeiro de Raiz	14
2	Tabela 2 - Espécies da flora nativa encontradas na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas	18
3	Tabela 3 - Espécies da flora nativa que encontram-se em vulnerabilidade e risco de extinção na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas	19
4	Tabela 4 - Espécies da fauna nativa que se encontra na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas	19
5	Tabela 5 - Espécies da fauna nativa que encontra-se em vulnerabilidade ou em extinção na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas	20
6	Tabela 6 - Distribuição das classes de Uso e Cobertura da Terra	22
7	Tabela 7 - Variedades mais cultivadas	29
8	Tabela 8 - Frutos nativos	30

LISTA DE SIGLAS

ACEVER	Associação Central das Comunidades Veredeiras
APP	Área de Proteção Permanente
CAANM	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CPT	Comissão Pastoral da Terra
INMET	Instituto Nacional de Meteorologia
NIISA	Interdisciplinar de Investigação Socioambiental / Unimontes
PGTA	Plano de Gestão Territorial e Ambiental
USITA	Usina Siderúrgica Itaguera

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
2	METODOLOGIA	10
3	CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO RAIZ	11
3.1	Contexto ambiental	11
3.2	Contexto histórico e socioproductivo	25
4	PLANO DE AÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO DE RAIZ	33
5	REFERÊNCIAS	42

1 - APRESENTAÇÃO

O Território Geraizeiro de Raiz está localizando a 14 quilômetros da sede do município de Rio Pardo de Minas e a 206 quilômetros de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. O Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Território Geraizeiro de Raiz foi elaborado considerando área total do território que é de 4.067 ha, cuja delimitação foi fruto de uma autodemarcação realizada pela comunidade no ano de 2008 e atualizada no ano de 2020. Desta área, a comunidade tem gestão sobre 1.237 ha e, recentemente, conseguiu em uma decisão jurídica o adiantamento de uma parcela referente à 409 ha. O restante do território, 2.421 ha, encontra-se ainda em processo de disputa.

Na elaboração do PGTA, em seguida aos estudos agroambientais e ecológicos, com o levantamento da fauna, flora e das espécies ameaçadas, foi feito mapeamento participativo de toda a área, identificando os marcos da territorialidade, os pontos críticos a serem recuperados ou conservados, com a delimitação de áreas a serem protegidas como de Reserva Legal e APPs com 1.060 ha ou 26%. Foi construído também propostas de uso para a área reconquistada juridicamente, de 409 ha que, acrescidas com as áreas de uso familiar, totalizam 1.646 ha e representam 40% do território. O restante da área, foi definido, a princípio, para o uso tradicional agroextrativista (1.361 ha – 33%). Ou seja, 60% da área sem alteração do uso do solo.

A ocupação do Território de Raiz tem uma história que remonta ao início do século XIX, em seguida à fixação no local, da família de Leonardo Ramos de Oliveira e Zulmira, considerados pela comunidade como os pioneiros. Como relatam os moradores mais antigos, mais adiante, ocorreu a chegada de outra família, a de Felisberto Gonçalves Dias, importante antepassado dos atuais geraizeiros de Raiz.

As famílias que foram se estabelecendo nesta comunidade desenvolveram suas práticas de uso e ocupação da terra segundo o modo geraizeiro de convivência com os ecossistemas. Relatam a abundância de terras e água, e as atividades agroextrativistas associada com a coleta de frutos do Cerrado, pequenas lavouras diversificadas, produção de farinha, rapadura, óleo de Pequi, produções em quintais, pesca e caça em lugares específicos e criação de gado à solta nas chapadas. Esta última atividade era realizada de forma coletiva; cada família tinha conhecimento de suas reses que pastavam juntas e soltas nas áreas de chapadas.

Porém, existe uma data que marca a memória dos moradores mais antigos: 1976. É neste ano que o modo de vida tradicional da comunidade de Raiz começa a ser

drasticamente alterado com a invasão do território por empresas monocultoras de eucalipto, como a Usina Siderúrgica Itaguera – USITA. Em 1980 a empresa foi substituída pela reflorestadora Replasa, que deu continuidade ao monocultivo e também abriu estradas para dar acesso as plantações. Restringidos a viverem nas "grotas" e "boqueirões", a conviver com a seca, muitos moradores mudaram da comunidade ou foram obrigados a trabalharem como boias frias, migrando todo o ano para outras regiões de Minas Gerais.

Outra data importante foi o ano de 2008 quando passaram a fazer uma resistência ativa por meio de ações de autodemarcação e empates, visando a retomada e a recuperação do território. Entraram também com ações judiciais. Em 2021 conseguiram na justiça a devolução antecipada de uma parcela do território, até que o processo judicial finalizasse. Através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas, do Movimento Geraizeiro e da Articulação Rosalino, foram informados que o CAA estaria realizando atividades de formação em gestão territorial e ambiental, ao que solicitaram para serem incluídos, pois tinham o interesse que a área conquistada fosse utilizada através de um planejamento territorial e ambiental.

O PGTA do Território Geraizeiro de Raiz foi elaborado neste contexto de luta pela recuperação e restauração ambiental das terras, onde as famílias moradoras e seus antepassados sempre viveram. A expectativa é que possam dar continuidade na implementação das propostas que foram construídas, além de fazerem, em outro momento o registro da área enquanto TICCAS - Territórios e Áreas Conservados por Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais e Locais.

2 - METODOLOGIA

O PGTA (Plano de Gestão Territorial e Ambiental) do Território Geraizeiro de Raiz foi construído a partir de momentos de escuta com os moradores da comunidade. Devido ao período de pandemia estes momentos se deram de forma virtual, semivirtual e presencial.

A interação dos jovens e lideranças da comunidade se fez muito importante neste processo. Jovens e adultos, juntamente com os anciões, produziram um mapa que demonstra como era o território Raiz antigamente. Deram destaque a origem das nomenclaturas dos lugares de referência e estratégicos para gestão territorial, como por exemplo: Cambraia, Chapada da Ilha, Saltador, Treme-Treme, Cabeceira dos Macacos, etc., que se referem a nomes de córregos, cabeceiras, nascentes, áreas com maior incidência de plantas nativas como pequi e rufão, áreas pretendidas para reserva, agrovila e cultivos.

Os moradores relataram diversos detalhes das características destes locais, relacionadas à situação atual dos solos, dos níveis de degradação ambiental, recomposição natural da vegetação nativa, limites territoriais, etc.



Figura 1: Moradores e membros do CAA conversam sobre detalhes em mapas do território de Raiz. Foto: Jonielson Ribeiro

3 - CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO RAIZ

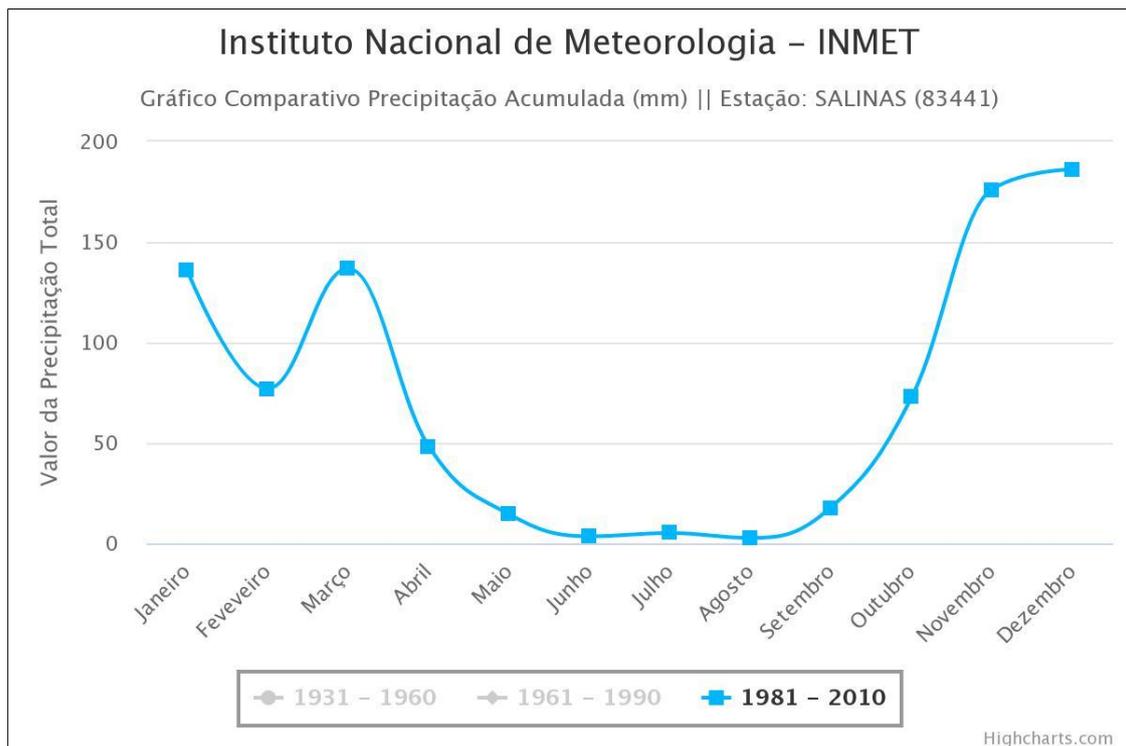


Figura 3 – Gráfico de Precipitação Acumulada de acordo com a estação de Salinas, a mais próxima do Território. **Fonte:** INMET, 2010

Em relação à Geologia da área, a parte norte do Território encontra-se sobre o grupo Macaúbas, formação Nova Aurora, já a parte central e sul está situada sobre a cobertura superficial indiferenciada.

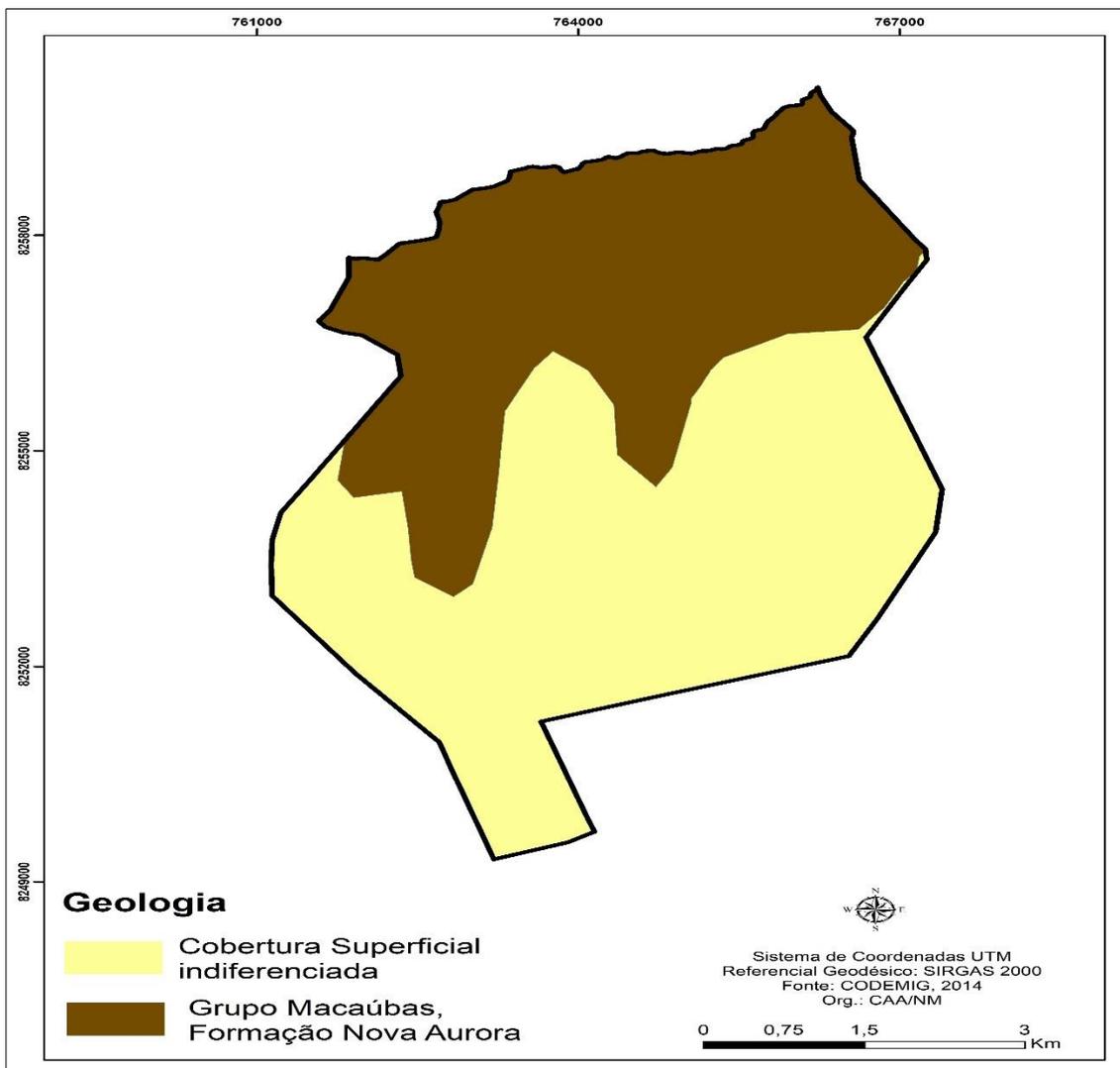


Figura 4 – Geologia do Território Geraizeiro de Raiz.

No que diz respeito ao relevo, o Território apresenta relevo plano, suave ondulado, ondulado, forte ondulado e montanhoso, como mostra o mapa de declividade (Figura 6). As áreas de chapadas que compõem grande parte do território constituem-se de relevo plano e suave ondulado, enquanto que as demais áreas planas situam-se nas áreas baixas, próximas aos cursos d'água, onde habitam as famílias geraizeiras. Nas áreas de transição entre as chapadas e baixas estão as vertentes, com relevo ondulado e forte ondulado. Os dados foram obtidos por meio de Modelo Digital de Elevação – MDE, do satélite ALOS, sensor PALSAR, que tem resolução espacial de 12m. A distribuição quantitativa das áreas está descrita na tabela 1.

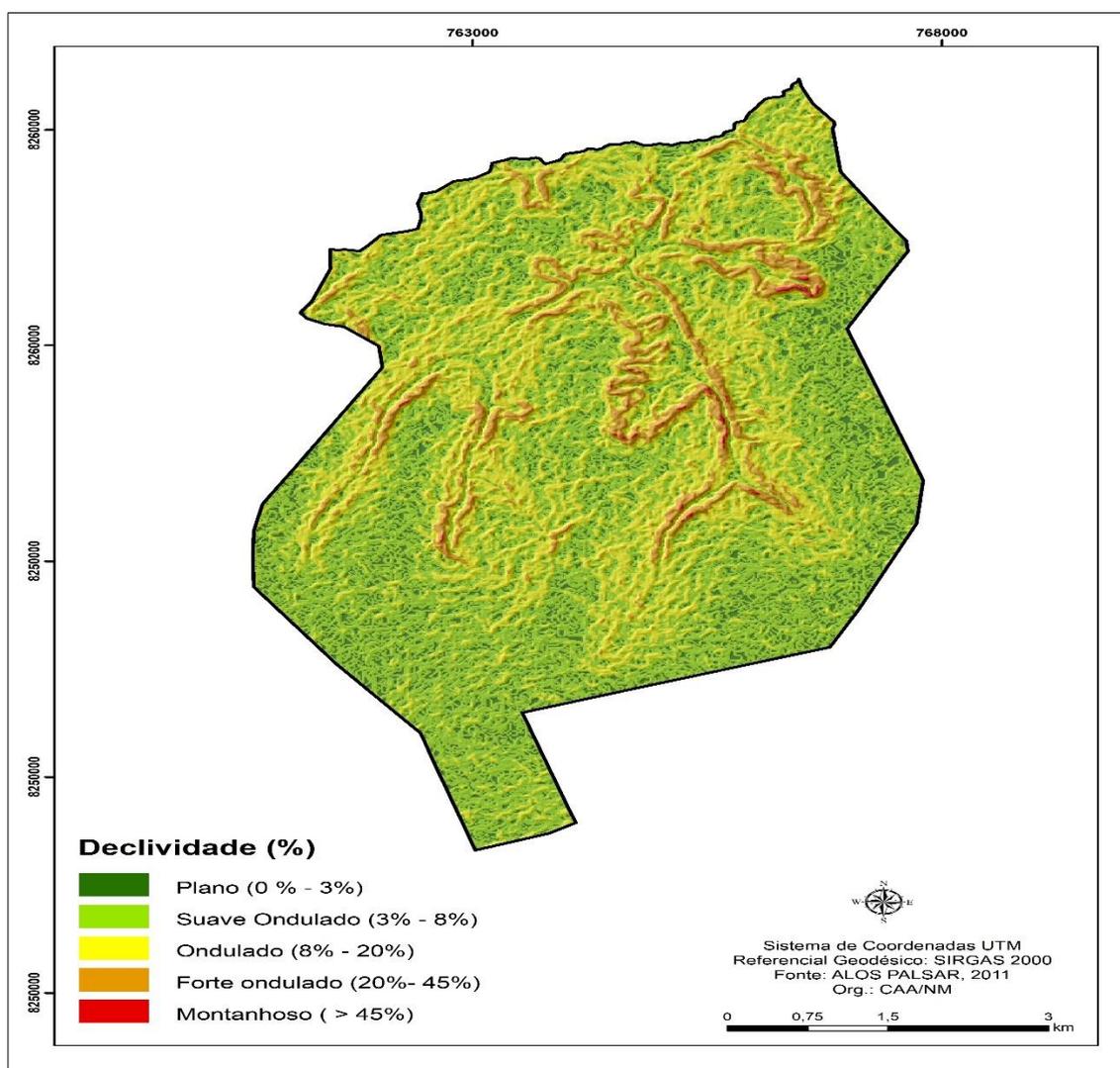


Figura 5 – Declividade do Território Geraizeiro de Raiz

Classe de Relevo	Classes de Declividade		Área (%)
	Em percentual	Área (ha)	
Plano	0 – 3	377,4	9%
Suave ondulado	3 – 8	1969,1	48%
Ondulado	8 – 20	1393,8	34%
Forte ondulado	20 – 45	318,9	8%
Montanhoso	45 – 75	8,5	0,21%
Escarpado	> 75	-	-

Tabela 1 – Relevo do Território Geraizeiro de Raiz.

Em relação à altitude, o Território apresenta cotas altimétricas que variam de 781 a 991 metros acima do nível do mar. Há um aumento gradativo da altitude no sentido sul-norte, sendo que as maiores cotas se encontram na porção sul e as menores na parte norte do território (Figura 7).

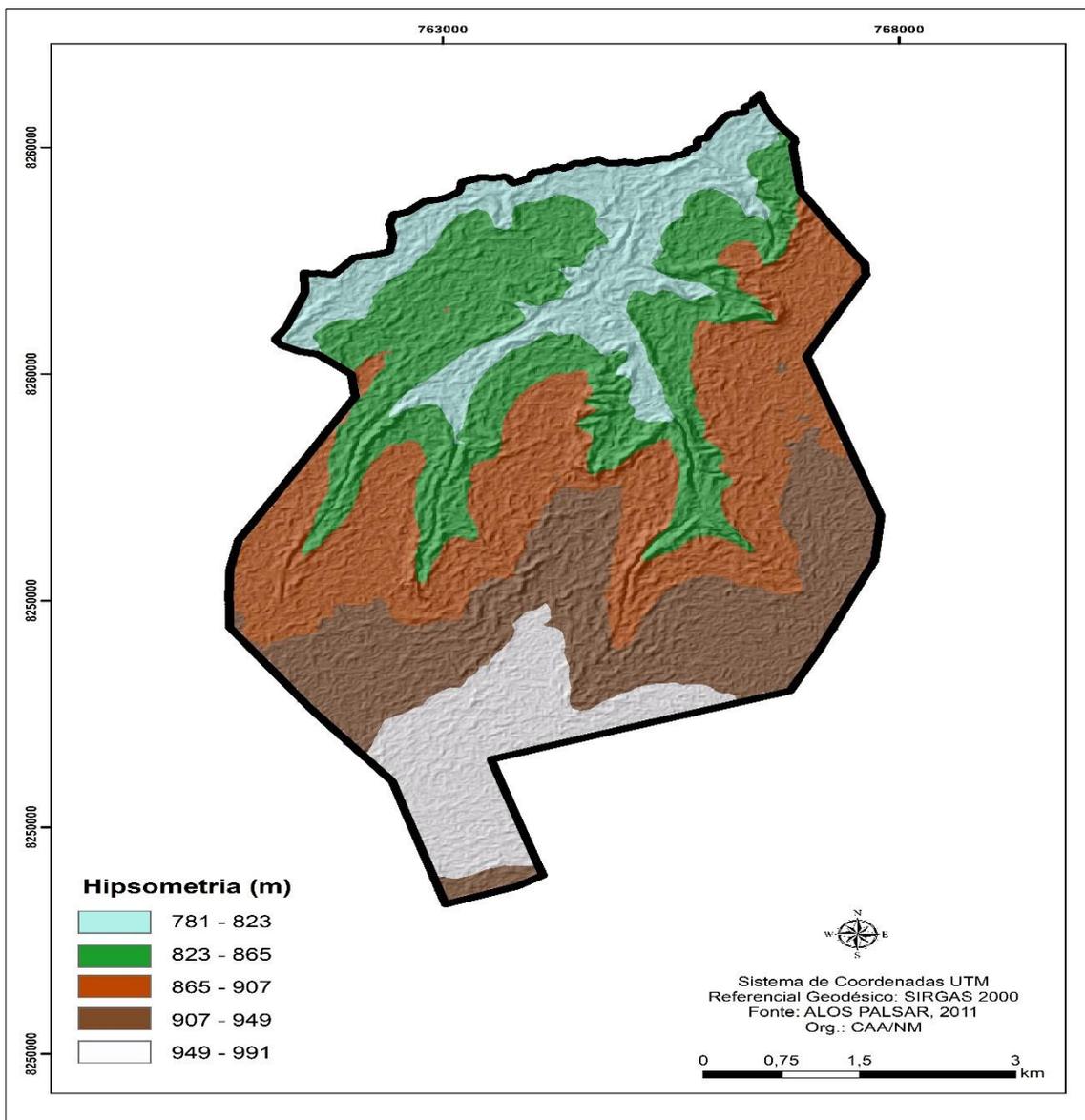


Figura 6 – Hipsometria do Território Geraizeiro de Raiz

Em relação à pedologia da área, há predominância de Cambissolo Háplico Tb Distroférico (CXbd5) e de Latossolo vermelho-amarelo distrófico (LVAd1) (Figura 4). Este último compreende a maior parte do Território (cerca de 66%), com incidência nas porções central, sul e sudeste. Os Latossolos vermelho-amarelos são solos com horizonte B profundos, em avançado estágio de intemperização, virtualmente destituídos de minerais primários ou secundários, menos resistentes ao intemperismo. Esses solos estão associados com os ambientes denominados pelos agricultores de Chapada e Tabuleiro; são solos com baixa fertilidade, ácidos, com elevado teor de alumínio e baixa disponibilidade de fósforo, cálcio e magnésio.

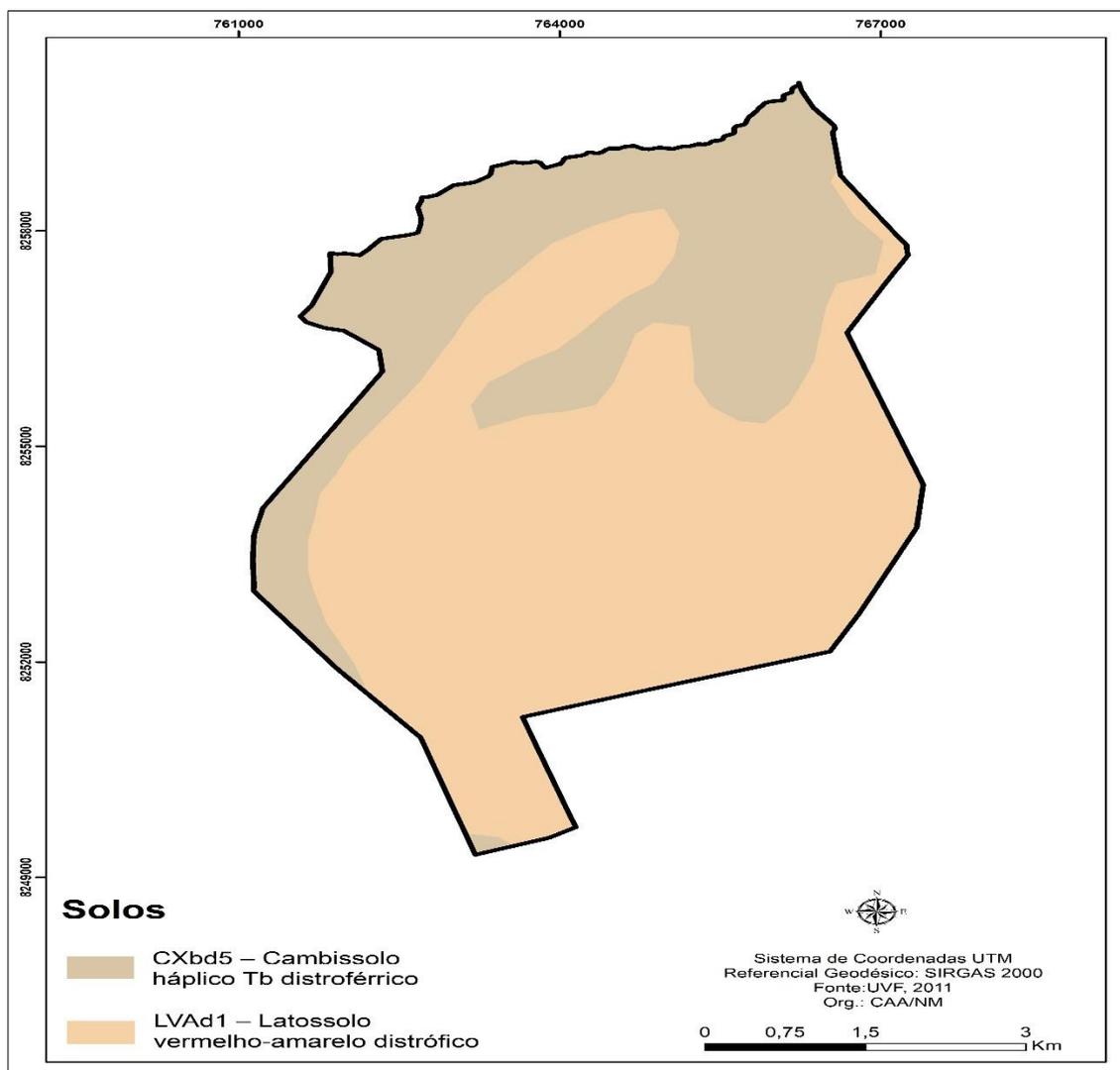


Figura 7– Classes de solos predominantes no Território Geraizeiro de Raiz.

O Território Geraizeiro de Raiz está inserido na subbacia hidrográfica do córrego Riacho dos Cavalos, afluente da margem direita do alto curso da bacia do Rio Pardo (Figura 2). A área total da bacia do Rio Pardo é de 32.982 km², drenando quase 37 municípios, 13 mineiros e 24 baianos. Em Minas Gerais a área da bacia é de 12.828,45 km², o que corresponde a cerca de 39% da área total. Esta região na porção mineira é também denominada de Unidade de Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos UPGRH-PA1, pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas – IGAM. Os principais afluentes mineiros do rio Pardo são: Rio Pardinho, Córrego São João, Ribeirão Santana, Ribeirão Imbiruçu, Rio São João do Paraíso, Rio Muquém, Rio Itaberaba, Ribeirão do Salitre, e Rio Mosquito. Este último é considerado seu principal afluente.

No que diz respeito à subbacia do Riacho dos Cavalos, a área total é de 543,449 km², o que corresponde a 2% da área total da bacia do Rio Pardo. O Território encontrasse

na margem direita do curso d'água principal, o Riacho dos Cavalos. Os principais afluentes do Riacho dos Cavalos são: Córrego do Gênio, Córrego Renascença, Córrego do Brejo, Córrego Capão, Córrego Taquara.

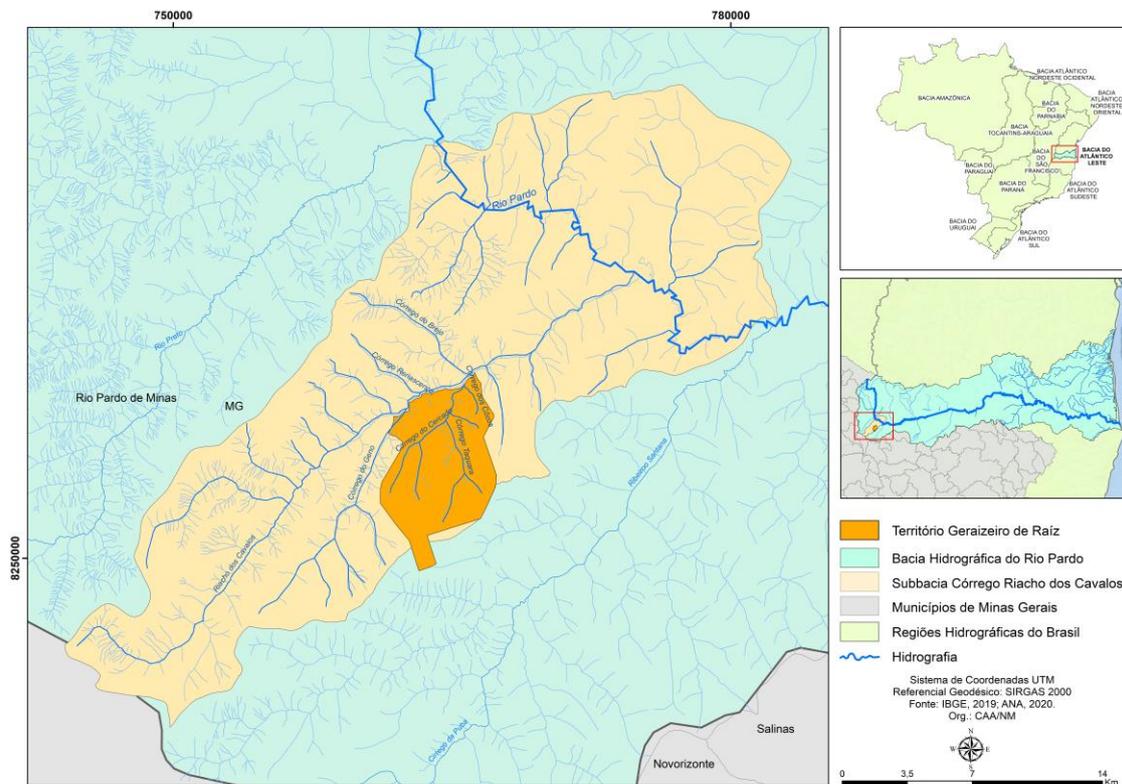


Figura 8 – Contexto hidrográfico do Território Geraizeiro de Raiz

Estas famílias contam também com a existência de tecnologias sociais de captação de água de chuva como cisternas para abastecimento familiar (16.000 litros) e cisternas para produção, com capacidade para 52.000 litros, construídas com o apoio do CAA/NM e da Cáritas.

O Território está situado no Bioma Cerrado, tendo como vegetação dominante a fitofisionomia Cerrado Sentido Restrito, com presença também de Matas Ciliares e formações campestres (LEITE et al.,2018).

Tabela 2 - Espécies da flora nativa encontradas na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas

Família	Espécie	Nome Popular
---------	---------	--------------

Annonaceae	<i>Annosa crassiflora</i> Mart.	Araticum do cerrado
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba
	<i>Himantanthus obovatus</i> (M.Arg.) Woods	Pau-de-leite
Araliaceae	<i>Scheffere macrocarpa</i>	Mandiocão do cerrado
Asteraceae	<i>Eremanthus gobmerulatus</i>	Candeia
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart	Pau-santo
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliensis</i> Camb.	Pequi
Combretaceae	<i>Terminalia fagifolia</i>	Orelha de cachorro
Erythroxylaceae	<i>Erythoxilum suberoum</i>	Cabelo de Negro
Fabaceae	– <i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá do cerrado
Caesalpinioideae		
Fabaceae	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.)	Tamboril
Mimosoideae	<i>Planthymenia reticulada</i> Benth.	Vinhático do campo
	<i>Stryphonodendron adstringens</i> (Mart)	Barbatimão
	<i>Ascomium dasycarpum</i> (Vogel.) Yakovlev	Unha d'anta
Fabaceae	<i>Bowichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira preta
Papilionoideae	<i>Dalbergia miscolobium</i> Benth	Jacarandá do cerrado
	<i>Leptolobium dasycarpum</i>	Amargosinha
	<i>Machaerium opacum</i> Vog.	Jacarandá cascudo
	<i>Strychnos pseudoquina</i>	Quina do cerrado
Loganiaceae	<i>Eriotheca pubescens</i>	Paineira do cerrado
Malvaceae	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Cagaita
Myrtaceae	<i>Rapanea guianensis</i>	Cafezinho
Primulaceae	<i>Pouteria ramiflora</i>	Corriala/Saputar
Sapotaceae	<i>Pouteria torta</i>	Grão de galo/Salva-vida
	<i>Solanum lycocarpum</i>	Lobeira
Solanaceae	<i>Styraz ferrugineus</i>	Laranjinha do cerrado
Styracaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau terra grande
Vochysiaceae	<i>Curatella americana</i>	Sambaíba
Dilleniaceae	<i>Diospyros sericea</i> A.DC.	Macaqueira

Fonte: Pesquisa de campo, 2020

Tabela 3 - Espécies da flora nativa que encontram-se em vulnerabilidade e risco de extinção na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas

Família	Espécie	Nome Popular
---------	---------	--------------

Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil.	Quina
Leguminosae-Caes.	<i>Bauhinia sprendens</i> H.B.K.	Escada de macaco
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Camará
Xyridaceae		Ruibarbo
Moraceae	<i>Xyris laxifolia</i> Mart	Carapiá
	<i>Dorstenia multiformis</i> Miq.	

Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Tabela 4 - Espécies da fauna nativa que se encontra na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas

Família	Espécie	Nome Popular
Dasypodidae.	<i>Priodontes maximus</i> (Kerr, 1792),	Tatu
Cervidae	<i>Mazama sp.</i>	Veado
Teiidae	<i>Tupinambis merianae</i>	Teiú
Canidae.	<i>Tupinambis merianae</i>	Raposa
Canidae.	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo Guará
Falconidae	<i>Cariama cristata</i>	Seriema
Caviidae	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara
Felidae	<i>Puma concolor</i>	Suçarana
Cebidae		Mico
Colubridae	<i>Spilotes pullatus</i>	Cainana
Viperidae	<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca
Boidae	<i>Boa constrictor</i>	Jiboia
Cavídeos	<i>Cavia aperea</i>	Preá
Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Coelho do mato
Felidae	<i>Leopardus sp.*</i>	Gato do mato
Mustelídeos	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra
Cracidae	<i>Penelope jacucaca</i>	Galinha d'água
Thraupidae	<i>Sicalis flaveola</i>	Jacú
Passerellidae	<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis,	Canário da terra
Tinamidae	<i>Crypturellus parvirostris</i>	Sabiá
Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	Lambú
Didelphiídeos	<i>Didelphis aurita</i>	Alma de gato Saruê

Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Tabela 5 - Espécies da fauna nativa que encontra-se em vulnerabilidade ou em extinção na área do Território Geraizeiro de Raiz - Município de Rio Pardo de Minas

Família	Espécie	Nome Popular
Cuculiformes	<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855*	Juriti
Cuculiformes		Jacaré
Myrmecophagidae.	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira
Ramphastidae	<i>Ramphastos toco</i>	Tucano
Tinamidae	<i>Crypturellus zabele</i>	Zabelê
Cebidae	<i>Spajus nigritus</i>	Macaco prego
Atelidae	<i>Alouatta guariba</i>	Guariba
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta punctata</i>	Cutia
Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca
Tinamidae	<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz
Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá Melete

Fonte: Pesquisa de campo, 2021

No mapeamento do Uso e Cobertura da terra do Território foram identificadas oito classes, a saber: Cerrado, Cerrado em regeneração, formações florestais, Monocultura de eucalipto, pastagem, cultivos, solo exposto, corpos hídricos e sombras (Figura 8). Foram utilizadas imagens do satélite Sentinel II, com resolução espacial de 10m (pixels de 100 m²), desta forma as feições menores que esta área, como pequenos cultivos, áreas degradadas ou quintais, não foram passíveis de ser identificadas. Salienta-se desta forma, que dentro da classe pastagem admite-se a generalização dessas classes de menor expressividade espacial.

As classes de maior incidência foram a Monocultura de eucalipto (1609 ha, ou 39% da área total), Cerrado (953 ha, ou 23 % de todo o território) e o Cerrado em regeneração (561 ha, ou 13 % da área total) (Tabela 2). É importante destacar que algumas áreas de monocultura compreendem espaços de avançada regeneração de vegetação - tanto do próprio eucalipto quanto do cerrado nativo, tendo no entanto maior expressividade espacial o eucalipto em regeneração.

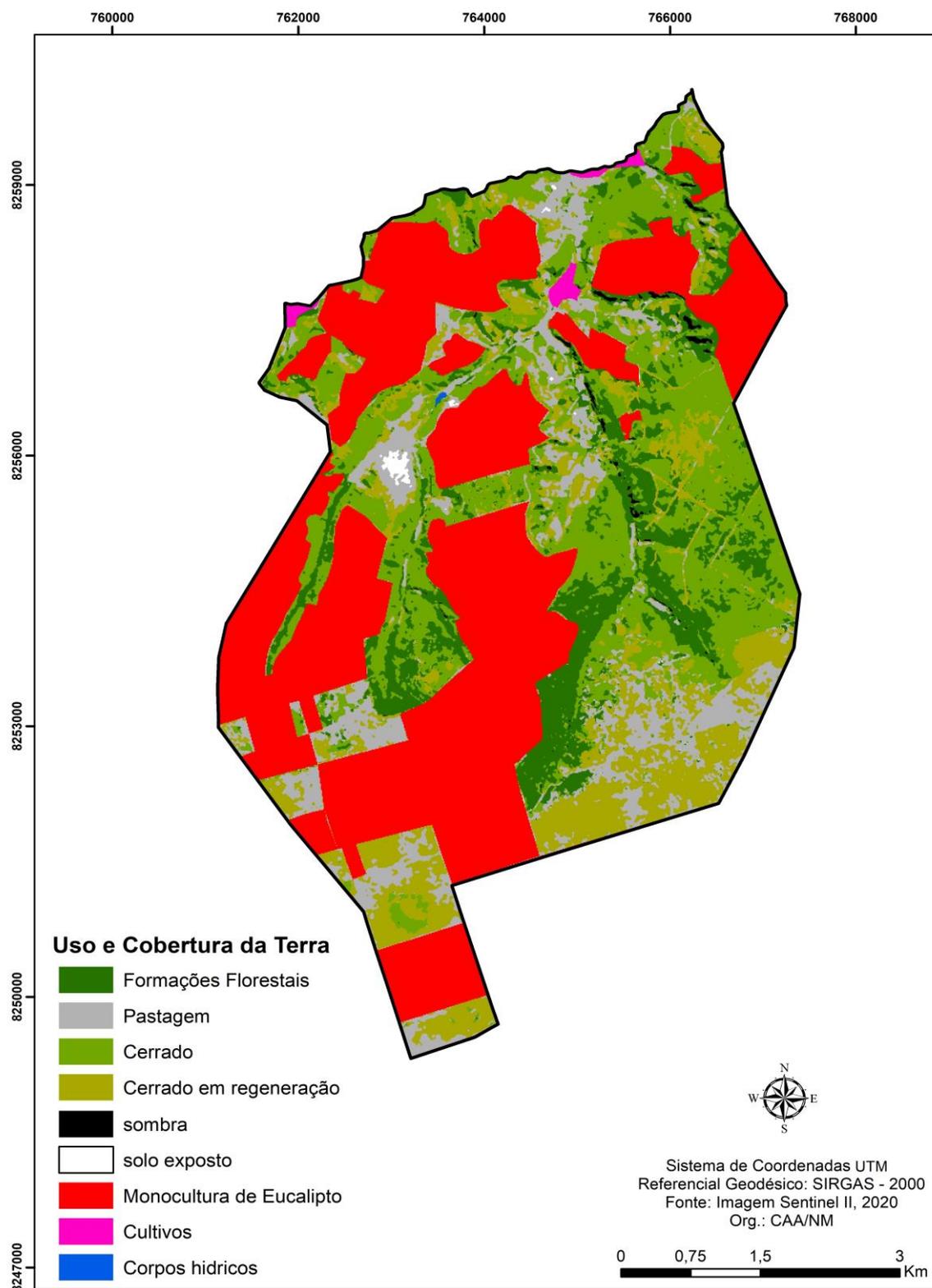


Figura 9 – Uso e Cobertura da Terra do Território Geraizeiro de Raiz

Classes	Área(ha)	Área (%)
Formações Florestais	457,81	11,25%
Pastagem	441,89	10,86%
Cerrado	953,81	23,45%
Cerrado em regeneração	561,1	13,79%
Sombra	14,18	0,35%
Solo exposto	8,48	0,21%
Monocultura de eucalipto	1609,51	39,57%
Cultivos	20,19	0,50%
Corpos hídricos	0,84	0,02%

Tabela 6 - Distribuição das classes de Uso e Cobertura da Terra

Área(s) de Reserva Legal e Preservação Permanente

Em diálogo com a população do território e utilizando de metodologia de mapeamento participativo, foi possível estabelecer as áreas prioritárias para conservação e delimitação de reserva legal. Definiu-se também as áreas de preservação permanente - APP. Ambas as delimitações estão de acordo com o Código Florestal 12.651/2012. Dessa forma obtivemos os seguintes valores:

APP Requerida no Código Florestal - 139,91 há (margens dos cursos d'água perenes e intermitentes, representando 3% do território);

APP efetiva do Território Geraizeiro de Raíz- 235,82 ha (margens de todos os cursos d'água, incluindo os efêmeros, representando 6% do território);

Reserva Legal requerida no Código Florestal – 813 ha (mínimo de 20% do território);

Reserva Legal efetiva do Território Geraizeiro de Raíz - 824,18 ha (20,2 % do território).

Percebe-se que tanto a APP quanto a Reserva Legal estão com áreas excedentes destinadas à preservação em relação ao que se exige na legislação federal, demonstrando o alto grau de conscientização da população local acerca da necessidade de recuperação e manutenção dos ambientes naturais. O mapa a seguir (Figura 09) demonstra a distribuição espacial das supracitadas delimitações.

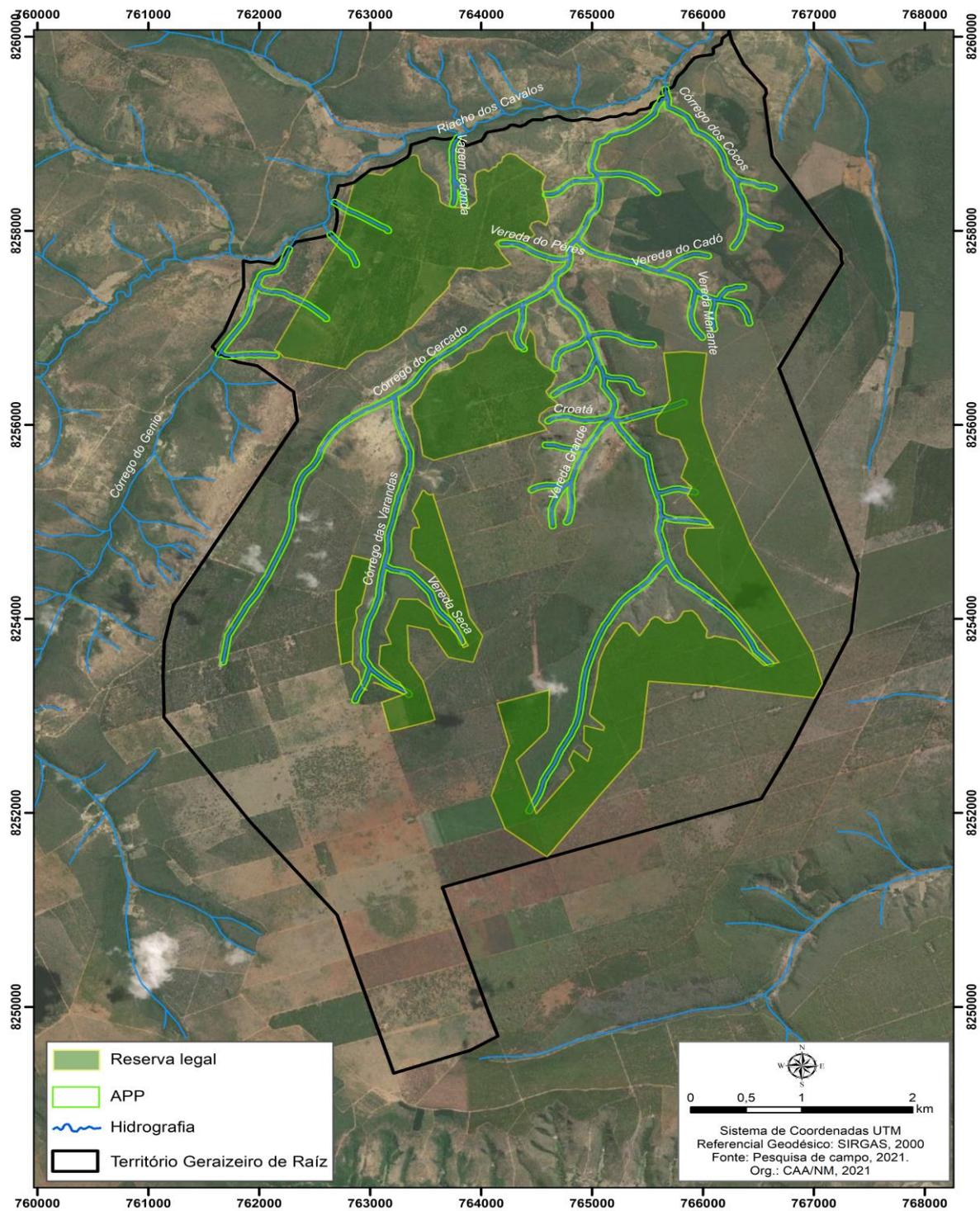


Figura 10 – Mapa de Reserva Legal e APP

Estratificação Ambiental dos Agroecossistemas

A partir de um levantamento realizado junto aos moradores do Território, foram identificadas diversas unidades de paisagem - que são ambientes locais, diferenciados por seus aspectos de geomorfologia, pedologia e vegetação, e que ao longo da história do território foram apropriados pelos indivíduos em suas dinâmicas de produção econômica e reprodução do modo de vida. As unidades de paisagem identificadas foram: Chapada, Carrasco, Tabuleiro, Campina e Vereda. Segundo Venil, liderança da comunidade, o território reconquistado é composto majoritariamente por Chapadas.

De forma sintética as supracitadas unidades de paisagem apresentam as seguintes características:

Chapadas: Área situada nas partes mais altas do território, com predomínio de relevo plano, vegetação de Cerrado sentido restrito (árvores de médio porte, com troncos robustos, dividindo espaço com vegetação arbustiva), e presença majoritária de latossolo vermelho-amarelo distrófico. Esses ambientes são utilizados historicamente para solta de gado e extrativismo, porém ultimamente poucas pessoas têm mantido a prática de pecuária, devido a recorrente incidência de roubo de gado.

Carrascos: Áreas de vegetação florestal, com características semelhantes a Mata Atlântica (árvores de grande e médio porte, perenifólias, presença de cipós e trepadeiras, geralmente sob influência de algum curso d'água); terra "maciça", não muito própria para cultivo. Utilizado historicamente para extração de madeira.

Tabuleiro: Situados em áreas de relevo escarpado, geralmente em uma transição entre as veredas (baixadas) e chapadas. Vegetação de cerrado denso, com árvores de médio porte (o pau d'água é uma árvore típica desse ambiente), pode apresentar também solos ferruginosos com presença de cangas.

Campina: Área de menor incidência. Vegetação herbácea e arbustiva (capim fura-saco e outras espécies).

Vereda: Áreas de terras baixas próximas a cursos d'água (planícies fluviais), onde os moradores utilizam historicamente para exercer atividades de agricultura, moradia e quintais.

Em momento de diálogo, entre equipe do CAA e moradores do território, Eliseu (geraizeiro e diretor do CAA) explica que as unidades de paisagem não apenas sofrem variações de nomenclatura de uma comunidade para outra, como também se modificam no decorrer do tempo, sobretudo no aspecto de vegetação e tipo de solo, em um processo parecido com a sucessão ecológica. Um exemplo disso é a área de "tabuleiro", como o existente em frente ao

salão que reuníamos. Ali, como confirma os moradores mais antigos, já teria sido um tipo de vereda, pois tinha muita “mina d’água”, mas com o processo de secamento a vegetação foi se alterando.

Outro tipo de transformação são as ocorrências, não raras, de tipos arbóreos que não são originários de determinada paisagem, mas que existem ali por terem sido levadas de alguma forma (ação de animal silvestre ou humana). O tipo de paisagem que apresenta maior permanência em suas características originais é a de carrasco. O Pau d’água é um tipo arbóreo que apresenta diversificação dependendo da paisagem em que está: há o Pau d’água de vereda e o Pau d’água de carrasco. Constata-se por fim, que as paisagens se alteram de acordo com a qualidade do solo, porém o que caracteriza majoritariamente os ambientes são as espécies arbóreas que ali predominam. As paisagens mudam de acordo com a qualidade do solo. Porém, o que identifica mais objetivamente os ambientes são as árvores que predominam no local.

3.2 - Contexto Histórico e Socioprodutivo

A ocupação do Território de Raiz tem início ainda no século XIX, por volta da década de 1840, logo após a fixação no local da família de Leonardo Ramos de Oliveira e Zulmira, considerados pela comunidade como os pioneiros. A partir de pesquisa realizada no território em 2008, Brito (2013) relata que além da data de 1840, o ano de 1870 é considerado um marco na história da comunidade com a chegada de Felisberto Gonçalves Dias, outro importante antepassado dos atuais geraizeiros de Raiz. Com o passar dos anos outras famílias das proximidades fixaram morada no local, resultando gradativamente na formação da comunidade que, segundo informações dos moradores, já estava estruturada com a maioria das famílias em suas áreas entre os anos de 1910 e 1920 (BRITO, 2013; SOUZA, 2017).

Inicia-se a partir daí o processo de territorialização de Raiz, com o estabelecimento das práticas de uso e ocupação tradicionais da terra pelo povo geraizeiro. Os relatos dos moradores apontam que nessa época havia abundância de terras e água, e as atividades de subsistência das famílias constituíam-se de coleta de frutos do Cerrado, pequenas lavouras diversificadas, produção de farinha, rapadura, óleo de Pequi, produções em quintais, pesca e caça em lugares específicos e criação de gado à solta nas chapadas. Esta última atividade era realizada de forma coletiva; cada família tinha conhecimento de suas reses que pastavam juntas e soltas nas áreas de chapadas. (BRITO; CARRARA, 2010).

Em relação às práticas culturais, destacam-se as festas juninas, folia de Reis e rezas nas casas. A religiosidade é um traço marcante na cultura geraizeira e muitas dessas práticas são

celebradas até os dias de hoje. A comemoração do dia do padroeiro da comunidade, São Sebastião (20 de janeiro), por exemplo, é realizada há décadas, e na atualidade mobiliza toda a comunidade, com lavamento de mastro e festejos na igreja (BRITO, 2013). A atual igreja (Figura 7), onde os fiéis se reúnem para as celebrações, foi construída em 2001, fruto de trabalho em mutirão e de fundos arrecadados em leilões. Ainda nesse contexto de religiosidade, destaca-se a figura do coordenador da comunidade, que é a pessoa responsável pelos encaminhamentos dos cultos, que toma providências relativas à agenda religiosa e que, na perspectiva territorial, torna-se também uma importante liderança no que diz respeito a gestão do território.



Figura 11 – Igreja de São Sebastião, no Território Geraizeiro de Raiz. **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2021

Seguindo o curso histórico da formação do território de Raiz, outra importante data, apontada por Brito e Carrara (2010), baseada nos relatos da comunidade é o ano de 1931, quando foi realizada a abertura de uma estrada pelos próprios moradores utilizando enxadas. O objetivo dessa construção foi de possibilitar o trânsito de automóveis e melhorar o fluxo do transporte, uma vez que o único meio de locomoção possível até então era o de tração animal, com burros e cavalos, o que dificultava até mesmo o deslocamento de pessoas doentes em casos de urgência.

A partir do ano de 1976 a dinâmica do modo de vida tradicional da comunidade de Raiz é drasticamente afetada com a chegada dos primeiros plantios de eucalipto pela Usina Siderúrgica Itaguera – USITA. Em 1980 a empresa foi substituída pela reflorestadora Replasa, que deu continuidade ao monocultivo e também abriu estradas para dar acesso as plantações (BRITO, 2013). As terras onde as empresas se instalaram foram concedidas pelo Estado e eram consideradas "devolutas", improdutivas, desperdiçadas e mal utilizadas. No entanto, essas áreas constituíam-se essenciais à sobrevivência do povo geraizeiro. As chapadas, utilizadas historicamente para o extrativismo, solta de gado e onde se localizavam muitas das nascentes dos córregos do território de Raiz, tiveram sua cobertura vegetal de Cerrado suprimida pelos maciços de eucalipto, o que acarretou em uma série de problemas socioambientais.

Os moradores de Raiz tiveram sua ocupação restringida às "grotas" e "boqueirões", que compreendem as áreas inclinadas, baixas, estreitas e próximas aos cursos d'água, onde o plantio de eucalipto não foi possível de ser implementado devido as condições do relevo. Com o comprometimento de suas produções e também da renda, em decorrência do pouco espaço que lhes restaram para habitar, muitas famílias vivenciaram uma migração forçada a partir dos anos 1980, em busca de melhores condições de vida. O agravamento da situação ocorreu a partir de 1992, com início da escassez hídrica, quando foi constatado o secamento de nascentes e córregos que abasteciam a comunidade.

As famílias que se recusaram a migrar passaram a vivenciar constantes abusos e restrições. Além dos problemas relacionados ao espaço reduzido para produção e da falta de água, os moradores também relatam o impedimento de acessar as áreas de chapada até mesmo para coleta de lenha (galhos secos, sem valor comercial para a empresa). Ocorriam ainda ameaças de funcionários da empresa - com a intenção de manter a comunidade fora das áreas de eucalipto -, e ainda furto de animais. Sobre essa última situação os moradores relataram que as famílias que insistiam em manter a prática de criação de gado à solta não raramente tinham suas criações subtraídas por um determinado funcionário da empresa quando os animais adentravam as áreas sob domínio da Replasa (SOUZA, 2017).

Outra grave denúncia dos moradores refere-se à grilagem de terras por parte da Usina Siderúrgica Itaminas – ITASIDER, grupo ao qual fazia parte a Replasa. A empresa adquiriu no início dos anos 1990 a compra de glebas de terras de alguns proprietários que estavam no interior e nas proximidades do Território de Raiz. No entanto a área retificada e que foi destinada à expansão do eucalipto, segundo os autos do processo, é muito maior que a área adquirida.

Por meio de análise desses documentos, Souza (2017), aponta que a área total das terras compradas pela ITASIDER foi de 289,96 ha e a área total retificada pelo juiz da comarca de Rio Pardo de Minas, foi de 11.845,15ha, o equivalente a uma área 40 vezes maior. Após essa aquisição, a expansão da área de plantio foi tamanha que chegou a limitar com os quintais das famílias de Raiz, agravando mais ainda a situação de encurralamento. Relatou-se ainda, que alguns moradores foram surpreendidos ao descobrirem que até mesmo os espaços onde moravam eram considerados área de reserva legal da empresa, sendo que essa demarcação foi realizada sem qualquer consulta a esses moradores (SOUZA, 2017).

O contrato de comodato estabelecido com o Estado de Minas Gerais através da Ruralminas e que deu direito de uso dessas terras à Replasa tinha data para ser finalizado no ano de 2013. Tendo conhecimento da documentação, a comunidade começou a se organizar politicamente em busca da retomada de seu território a partir do ano de 2008. Ações como a autodemarcação do território, "parada de máquinas" (que consiste em um ato realizado por um grupo de pessoas para interditar máquinas e veículos em serviço, na retirada de eucalipto) e a ocupação de áreas cercadas pela empresa, foram algumas das iniciativas da comunidade como forma de resistência.

Na primeira ocupação realizada, foi montado um acampamento numa área de chapada e iniciou-se um plantio coletivo (de mandioca, feijão, abacaxi, entre outros), que durou por cerca de seis meses, demonstrando além da resistência à expropriação, o potencial produtivo das áreas de chapadas, tidas como inférteis por aqueles que defendiam o plantio do eucalipto. No entanto, a empresa contra-atacou e, respaldada por uma liminar de justiça, expulsou os ocupantes e destruiu toda a plantação.

Recentemente, como fruto da mobilização política e das reivindicações, a comunidade conquistou uma área de 4,09 km², próxima ao local onde ocorreu a memorável intervenção. O terreno já está sendo preparado para uso, desta vez sem a preocupação de sofrer qualquer ataque. A disputa pelo restante do Território continua, uma vez que essa parcela (36,67 km²) não está mais sob posse da empresa, mas sim sob domínio de uma pessoa física que alega ter adquirido o direito sobre as terras e mantém o interesse de continuar o monocultivo de eucalipto.

Todo o contexto de disputa territorial tem impacto direto na demografia e economia local. Em relação à população habitante, cerca de 30 famílias vivem no território de Raiz atualmente. Em pesquisa realizada em 2009 Brito e Carrara (2010) contabilizaram 38 famílias, e em 2016 Souza (2017) informa que havia 28 famílias. Essa oscilação relaciona-se principalmente com a questão da migração. Como informado, a migração dos habitantes de

Raiz teve início ainda na década de 1990 e esse cenário permanece, pois o principal fator que impulsiona as migrações, que é a escassez de terras e água, continua.

A principal fonte de renda da comunidade provém das migrações sazonais, que ocorrem principalmente para o sul de Minas Gerais, onde há ampla demanda por mão de obra para trabalhos nas lavouras de café. No entanto, a comunidade enxerga com otimismo as conquistas recentes e acredita que muitos daqueles que deixaram o território retornarão e aqueles que se deslocam periodicamente não terão mais essa necessidade, caso as lutas pelo território continuem a render bons resultados. O cenário pandêmico tem contribuído também para o retorno de muitas famílias. Além da renda advinda dos trabalhos nas migrações, outras fontes compõem o quadro econômico da comunidade, como agricultura, pecuária, aposentadorias, bolsa família e salários com outras atividades.

Sistemas Produtivos

Segundo relatos dos moradores, tradicionalmente a maior parte de toda produção da comunidade é realizada de modo consorciado. Marquinhos explica que, como as áreas disponíveis são muito pequenas, é muito difícil realizar o cultivo de outra forma. Uma prática tradicional de preparo das áreas que já não é mais usada pela comunidade é a “roça de toco”.

Nos dias atuais, a partir de uma trajetória de adaptações, a maior porção da produção da comunidade é de mandioca, que é a maior fonte de renda da maioria das famílias do território. Em menor escala são cultivados hortaliças, milho e feijão para o autoconsumo.

Segundo os agricultores, atualmente são cultivadas no território pelo menos seis variedades de mandioca. Eles relatam que antigamente eram bem mais, porém foram perdendo as variedades e também foram selecionadas as que para eles apresentavam maior produção e características para produção da goma, que é o que mais produzem devido sua rentabilidade.

	VARIEDADE	CARACTERISTICA
1°	IAC 12 Campinas	Melhor produção
2°	Landim de ouro	Muito boa para goma e farinha
3°	Barrinha	Melhor pra comer

Tabela 7 – Variedades mais cultivadas

A variedade “Branquinha” chegou recentemente à comunidade, está chegando ao mercado por agora, e é bem ácida. De acordo com o conhecimento popular tradicional “quanto maior a acidez da mandioca, melhor será sua goma”.

Ervas medicinais

As plantas medicinais que são mais encontradas e utilizadas pelos moradores são:

Nome Científico	Nome popular
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Arnica
	Durete
<i>Acosmium dasycarpum</i>	Unha d'anta,
<i>Strychnos pseudo-quina</i>	Quina de vara
<i>Cordia magnoliaefolia</i>	Grão de galo
	Salva vida
<i>Arrabidaea brachypoda.</i>	Cervejinha
<i>Himatanthus obovatus</i>	Tibórna
<i>Operculina alata</i>	Batata de purga
<i>Dorstenia cayapia</i> Vellozo	Carapiá de baixo
	Carapiá de chapada
<i>Stryphnodendron barbatimam</i> Mart	Barbatimão
<i>Anacardium humile</i>	Cajuzinho do mato
<i>Smilax áspera</i>	Salsaparrilha

Tabela 8 - Frutos nativos

Podemos destacar em maior presença no território o pequi e rufão. Do rufão é extraído o óleo que tem uso medicinal pelas famílias. Também se faz presente a mangaba, a cagaita e em pouca quantidade o murici e o maracujá do mato.

Criação de Animais

A criação animal é bastante diversificada: “*cria-se de tudo um pouco, de galinha a gado*”. Para Marquinhos, agricultor da comunidade, a retomada de parte do território mantém a esperança do retorno da criação na solta, forma de criação de gado tradicionalmente utilizada pelos geraizeiros. Entretanto, ele relata a preocupação com o aumento de ocorrência de roubos de gado, quando criados dessa forma na região.

Apicultura

Alguns agricultores já participaram de capacitações sobre a prática de criação de abelhas, já se discutiu sobre a implantação, porém ainda sem previsão para colocar em prática os aprendizados.

Comercialização

No município de Rio Pardo de Minas, o maior potencial é a mandioca e seus derivados, principalmente farinha e polvilho. Porém em decorrência da mão de obra para produção dos

derivados ser de alto custo, as famílias não conseguem um retorno compensador na comercialização deste tipo de produto.

Os moradores afirmam que a comercialização é mais vantajosa com a presença de atravessadores, visto que há dificuldades relacionadas à questão do transporte e a garantia de venda no mercado da cidade. Na entrega direta, disse uma moradora, muitas vezes o vendedor tem que ficar bajulando o cliente para comprar, pois tinha que esgotar com a mercadoria até no máximo o horário da saída da linha, que era por volta do meio dia. Hoje em dia, não tem mais linha de feira com a frequência de antes, o que dificulta o transporte. Segundo Marquinhos, isso acontece devido ao o aumento do acesso ao transporte de forma individual, uso de motos e carros particulares. O fato é que são poucos os que possuem algum meio de transporte adequado para goma ou farinha.

Serviços sociais

Os jovens do território relatam que há poucas opções de lazer. Atualmente, devido a uma torre que fornece o sinal na região, muitos têm acesso a internet, porém alguns ainda não usufruem deste serviço.

O território é compartilhado entre moradores que praticam a religião católica apostólica romana e os que praticam religião evangélica (Congregação Cristã do Brasil). As festas religiosas católicas praticadas são: São Sebastião, festejada no dia 20 de janeiro, o tradicional São João, no mês de junho e o Natal.

Segundo os anciões, a Folia de Reis já foi muito forte no passado. Hoje em dia mais ninguém pratica. Para eles o motivo se dá pelo fato de alguns dos mais velhos terem falecido e outros perderam o interesse. É uma tradição que não está tendo continuidade com os mais jovens. O que influenciaria essa “perda da tradicionalidade”, segundo Marquinho, seria a forte incidência das músicas contemporâneas e a pouca quantidade de jovens na comunidade devido à migração.

Os jovens da comunidade estão em forte incidência de migração. Eles vão para outras cidades a procura de trabalho e renda, principalmente quando terminam o ensino médio e se deparam com a falta de oportunidades. A maioria tem vontade de permanecer, porém não enxergam novos horizontes no local onde vivem.

Alguns dos jovens da comunidade vão estudar na Escola Família Agrícola, que utiliza a pedagogia da alternância, um método de ensino que foi pensado especialmente para os estudantes que vivem no campo. Além das disciplinas convencionais, os estudantes têm ensino

técnico em agropecuária e são incentivados a colocar em prática em suas comunidades o que aprendem nos dias de internato.

Marquinhos relata uma crítica ao sistema de ensino da região, que prepara os jovens para deixar o território ao invés de capacitá-los para se manter no local de origem, com qualidade de vida.

A Licenciatura em Educação do campo foi uma oportunidade e uma porta que se abriu, pois dá a oportunidade de uma formação e valorização do território. *“A educação pública convencional forma para o jovem sair pra trabalhar, ir embora pra cidade grande”*. A Licenciatura em Educação do Campo tem contribuído para difusão de outra visão dos jovens sobre o território, propiciando até o retorno de muitos.

4 - PLANO DE AÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TERRITÓRIO GERAIZEIRO DE RAIZ

Este plano apresenta propostas e ações que contribuem com a utilização sustentável das terras da comunidade Geraizeira de Raiz e da área reapropriada pela mesma, com a indicação de procedimentos a serem seguidos pelos moradores, bem como as demais condutas para cumprir a legislação brasileira sobre o meio ambiente, beneficiando as famílias que aí vivem.

Estimula a produção, a segurança alimentar e geração de trabalho e renda, agrícola e não agrícola, o reconhecimento e incorporação das mulheres e jovens nas diversas propostas. Propõe a utilização dos potenciais ecossistêmicos e culturais do território e a melhoria da qualidade de vida das famílias.

O presente Plano servirá de guia para que os moradores elaborem seus projetos e realizem suas atividades dentro de critérios de sustentabilidade econômica, ecológica e sócio cultural e que tem como referencial o modo de vida geraizeiro. Para se alcançar sucesso na gestão do território Geraizeiro da comunidade Raiz, os moradores apontam a importância do envolvimento dos jovens. Diante deste apontamento, foi sugerido uma capacitação em comunicação popular.

Assim, foi realizada uma oficina ministrada por Valdir Dias, comunicador Popular do CAA/NM e contou com a participação de 14 Jovens. Foi possível, a partir de uma avaliação ao final da oficina, perceber o poder que a comunicação popular tem de mudar as “lentes” da juventude em relação à sua comunidade e território e assim promover visibilidade, protagonismo e engajamento.

Na etapa de construção do PGTA, foi muito importante a participação dos jovens, onde puderam levantar perspectivas de contribuição para a gestão de forma concreta do território. Colocando os anseios de terem seus espaços e fontes de renda para permanecerem na comunidade.

A partir dos encontros para discutir o plano de uso do território, houve a compreensão que a gestão do território não precisa ser entendida como algo tão complexo e distante, devendo ser tratada como algo do dia a dia. Conversar com uma pessoa e outra sobre o assunto, pautar o tema nas reuniões, visitar as áreas, relatar ocorrências no âmbito ambiental, registrar imagens de áreas estratégicas e/ou delicadas, realizar mutirões de limpeza, cercamento, plantio de mudas nativas, etc., seriam ações percebidas como gestão do território, o que em grande parte já é feito pelos moradores.

Das observações apontadas, como a de que tem gente de fora quem está entrando no território e colhendo eucalipto, depois os mesmos aparecem falando que comprou terra - o que complica as relações, gerando confusão entre os moradores - ou da crença de que há pessoas da comunidade mais favoráveis a empresa, apesar de muitas vezes não manifestarem claramente, demonstrando uma posição mais “neutra”, constata-se que tudo isso, por exemplo, já faz parte dessa gestão.

Mapeamento de áreas degradadas

A partir de metodologia de mapeamento participativo e de incursões a campo junto com a população local foi possível identificar áreas de elevado grau de fragilidade e degradação ambiental. Como pode ser observado no mapa (Figura 11) a grande maioria das áreas degradadas encontra-se próxima as nascentes dos córregos e com relação direta ao escoamento superficial das águas a partir dos carregadores e acessos, o que causa erosão hídrica. Um dos pontos, inclusive, está muito próximo à nascente do Córrego dos Macacos, que passa por um processo de regeneração natural e que a partir de uma intervenção da comunidade, foi cercada e vem sendo monitorada.

Como encaminhamento para essa situação, sugere-se a construção de barragens de contenção ao longo dos carregadores que estão diretamente ligados a essas erosões.

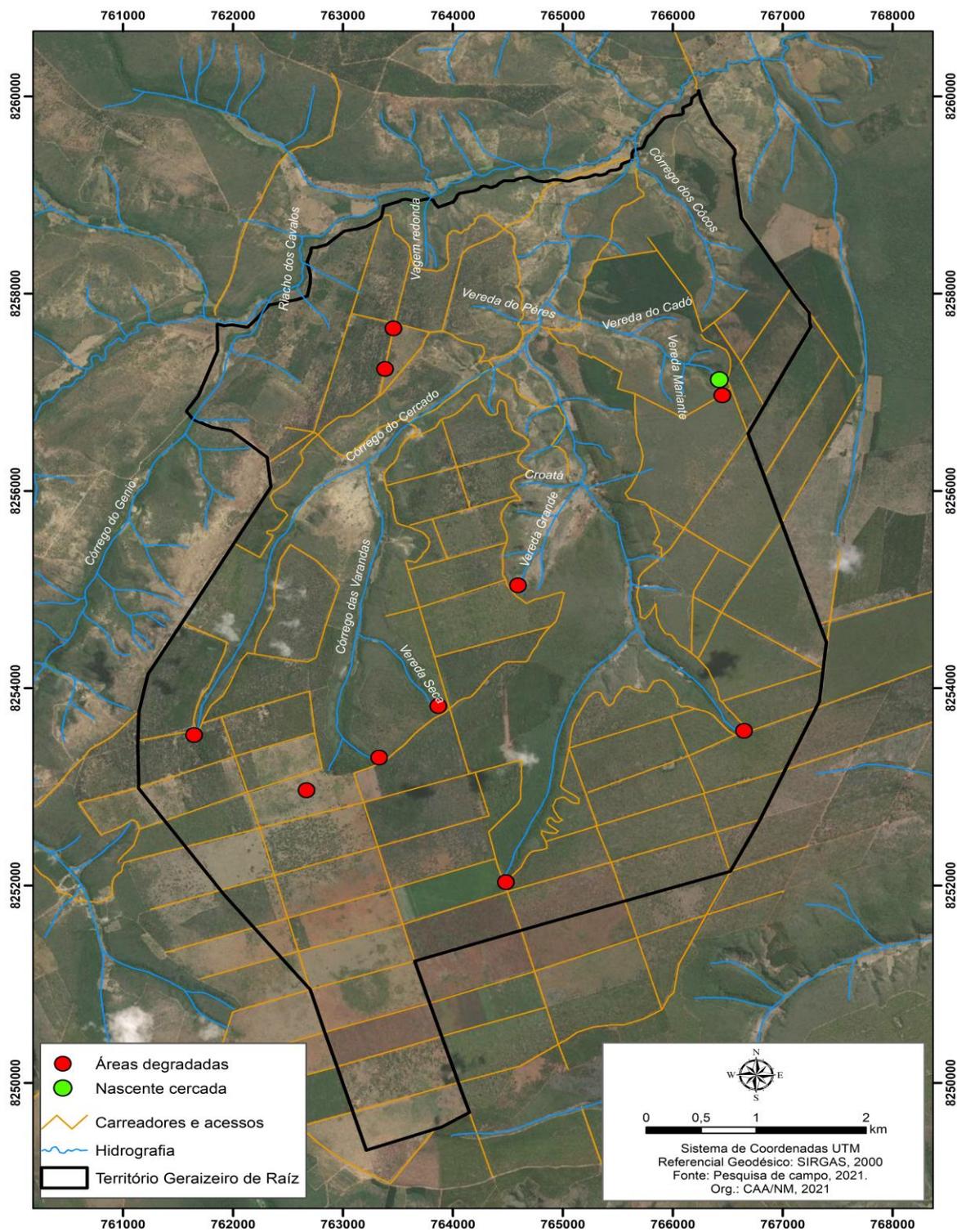


Figura 12 - Principais áreas degradadas no Território geraizeiro de Raiz. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2021.

Mapeamento de localidades e marcos de territorialidade

Dividiu-se o grupo em duas equipes, para cada uma retirar pontos de GPS em locais estratégicos, como a Cabeceira dos Macacos, Treme treme e locais previsto para reserva, agrovila, etc., para ao fim se encontrarem no local destinado ao plantio de algodão.

Foi dado destaque a “**Cabeceira dos Macacos**”, sendo a única nascente que, segundo Marquinhos, morador da comunidade, ainda “*dá sinais de vida*”. Também foi de fundamental importância localizar as áreas de incidência de plantas nativas, como pequi e rufão e entender os limites das áreas de reserva.



Figura 13 – Equipe do CAA/NM e moradores de Raíz realizando levantamento de campo com plotagem de pontos de territorialidade e localidades. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2020.

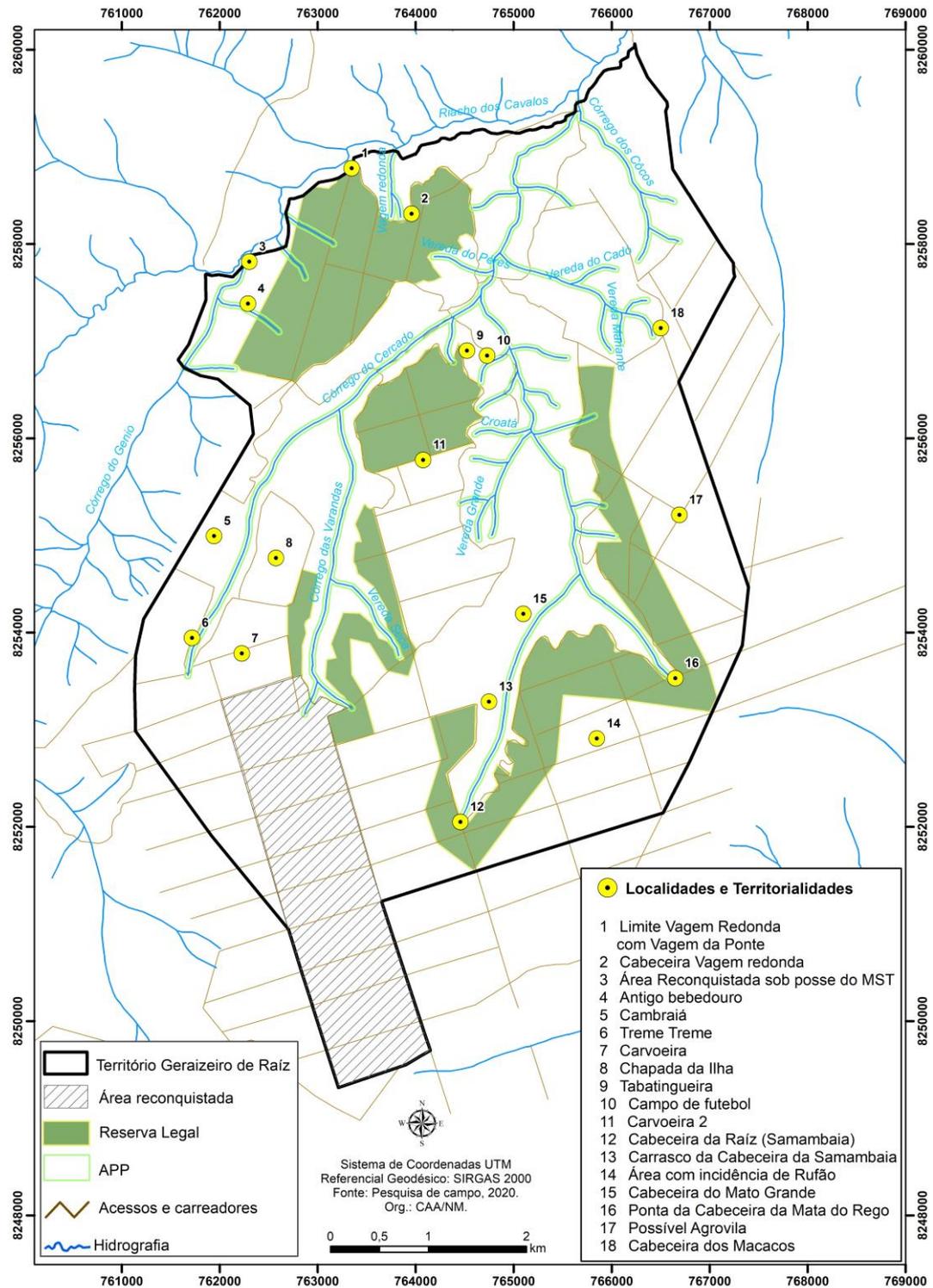


Figura 14 – Mapa de localidades e territorialidades do Território Geraizeiro de Raiz.

Descrição de alguns pontos:

- Vagem redonda: Recebe este nome por ser uma vereda redonda

- Vargem da ponte – Travessia de acesso para os municípios. Área está em domínio da empresa demarcada para corte. Espécies presentes em meio ao eucalipto: Pequi, maçambé (madeira para cerca), braúna, cagaita, cabriuna, vinharco – Área a um quilometro do riacho; Animais: Tatu, veados, entre outros.
- Incidência de Pequizeiros – Média de 10 metros de pequizeiro em pequizeiro. Tibórnea (uso medicinal – quebra a folha e colhe o “leite”), sucupira, jatobá, rufão, pau terra, jacarandá, cabeluda (fruta de leite), coco rasteiro, candeia de tabuleiro, macambira, rui barbo. Quanto mais próximo ao rio, a densidade das plantas aumentam.
- Treme-Treme: Local próximo a uma das principais nascentes (que hoje não existe mais). Área com solo encharcado, e os animais e pessoas que passavam se atolavam gravemente. "*Não passava nem cobra*".
- Antigo bebedouro: Local onde o gado que era criado na solta bebia água.

Infraestrutura existente e planejada

A parcela do território reconquistada, que tem uma área de 409 ha, já está sendo utilizada pela população de Raíz através de múltiplos usos e está em processo de planejamento a implementação de projetos de infraestruturas (Figura 14). Dentre as estruturas existentes, destaca-se a recente construção de um galpão (ainda em fase de finalização) para alocação de materiais e abrigo temporário para os lavradores (Figura 15). A produção agrícola também já ocorre em um dos talhões da área, onde foram divididos lotes de produção familiar. A primeira safra (2020-2021) teve experimentos de plantio de algodão consorciado com milho, mandioca, melancia, quiabo, entre outros (Figura 16).

Em relação às estruturas planejadas, há necessidade urgente de construção de um poço artesiano para suprir as demandas de produção agrícola na área, haja vista que não há outra fonte no local que garanta esse recurso. A população também prevê a construção de uma agrovila próxima a área de produção, a fim de facilitar o deslocamento diário para as lavouras. Por fim, há uma proposta de trabalhar outras áreas da parcela reconquistada em parceria com terceiros...



Figura 15 – Galpão em fase de finalização na área reconquistada. **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2021



Figura 16 – Visita da equipe do CAA/NM à produção de milho na área reconquistada. **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2021.



Figura 17 – Produção de algodão consorciado com milho na área reconquistada. Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

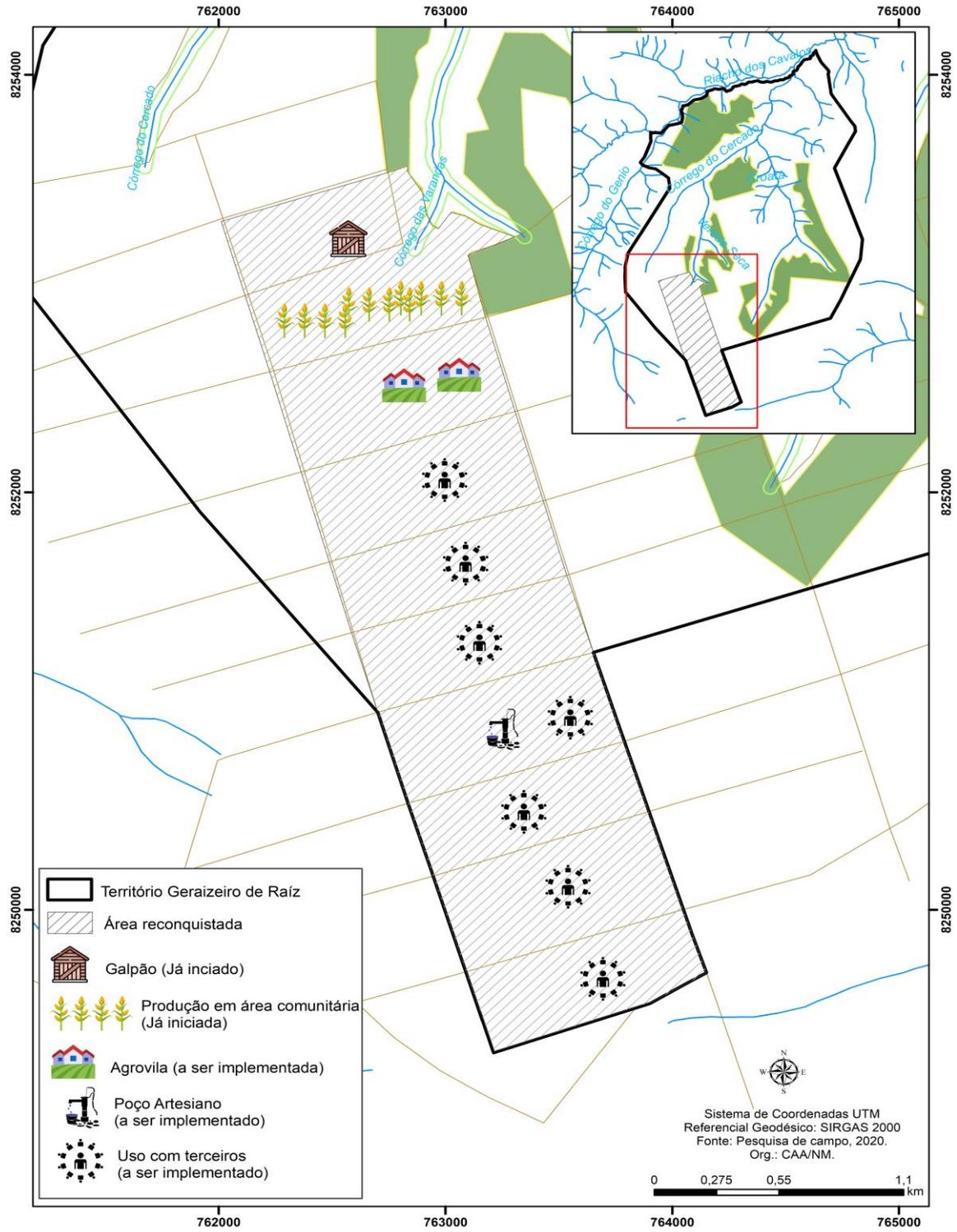


Figura 18 – Mapa de infraestrutura existente e planejada. Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

5 - REFERÊNCIAS

- BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. **Ecologismo dos Gerais: conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais**. 2013. Tese de Doutorado. Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- EMBRAPA. Portal Digital. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>. Acesso em 2021
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. **Disponível em:** <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: Fevereiro de 2021.
- INMET, Instituto Nacional de Meteorologia. 2010. **Disponível em:** <<https://portal.inmet.gov.br/>>. Acesso em: Fevereiro de 2021.
- LEITE, Marcos Esdras et al. Mapeamento das Fitofisionomias do Cerrado no Norte de Minas Gerais. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 8, n. 1, 2018.
- LEAL, T. L. M. C.; CLEMENTE, C. M. S., Base de dados cartográfica: **Normais Provisórias - Precipitação Pluviométrica Semiáridos Mineiro e Baiano**, 2017.
- SOUZA, Jonielson Ribeiro de. **Terras geraizeiras em disputa: os processos de autoafirmação identitária e retomada territorial de comunidades tradicionais de Rio Pardo de Minas frente à concentração fundiária**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável). Brasília – DF, UnB/CDS - MESPT, 2017. 228 f.